

OS FALSOS APOSTOLOS

GUILHERME BRAGA

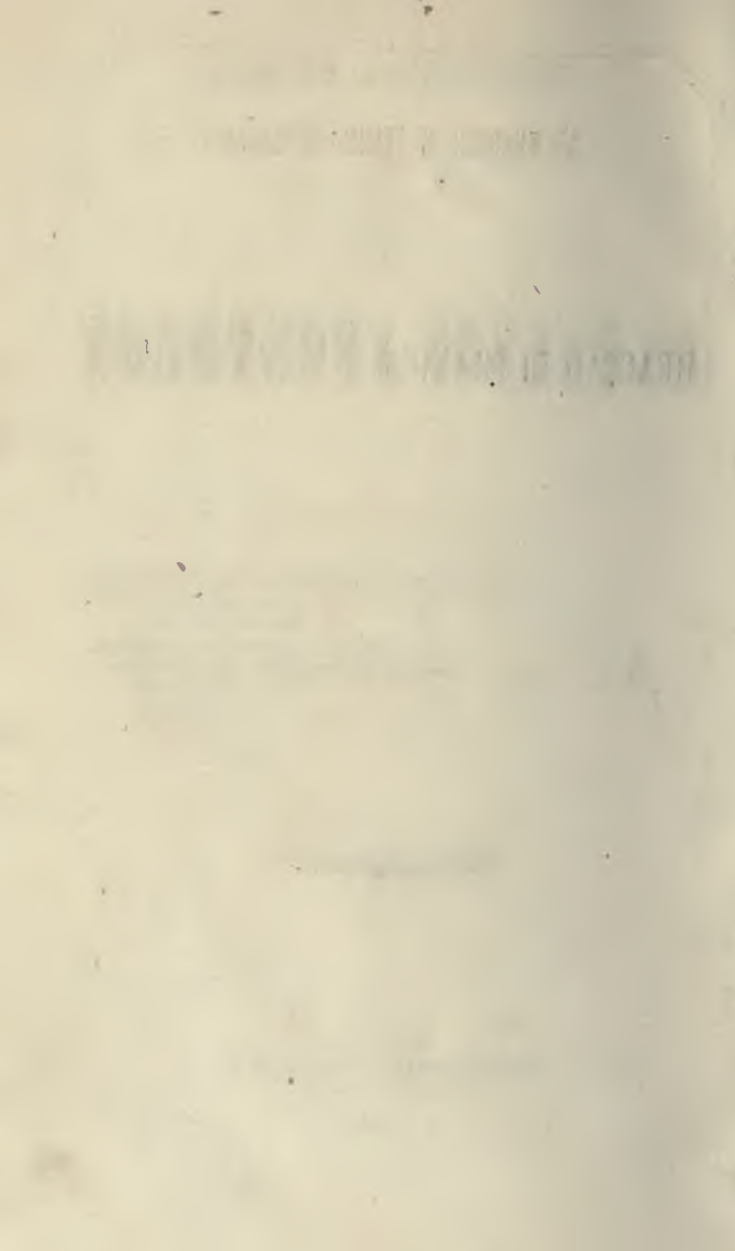
OS FALSOS APOSTOLOS

Ces gueux, pires brigands que ceux des vieilles races,
Rongeant le pauvre peuple avec leurs dents voraces,
Sans pitié, sans merci,
Vils, n'ayant pas de cœur mais ayant deux visages,
Disent:— Bah! le poète! Il est dans les nuages!—
Soit. Le tonnerre aussi.

VICTOR HUGO.



PORTO
Typographia Lusitana
84, rua das Flores, 84
1871.



AO ENERGICO E TEMIDO ADVERSARIO

DA

REACÇÃO ULTRAMONTANA EM PORTUGAL,

O GRANDE HISTORIADOR

ALEXANDRE HERCULANO,

GUILHERME BRAGA.



É geralmente sabido como se têm ido desenvolvendo entre nós as ideias reaccionarias. O partido clerical e o partido legitimista, associados, luctam e energeticamente se esforçam para consolidar nas antigas bases absolutistas o altar e o throno. Se este não tem ainda o despotismo, aquelle tem já o fanatismo. Os ultramontanos, como os domadores de leões, subjagam a consciencia popular por meio de narcoticos. É o envenenamento parcial, que não mata, mas que embrutece e inutilisa.

A igreja fornece-lhes dous instrumentos magnificos para a realisação do crime horrendo: o pulpito e o confessionario.

Mas, para que seja total o aniquilamento da grande força popular, não basta a atrophia da consciencia. Contra esse delicto reage muitas vezes a intelligencia. Urge, portanto, matar tambem a intelligencia; matal-a, ao nascer.

Por isso ha muito que do pulpito e do confessionario se estende para a eschola uma garra adunca e negra. O jesuitismo necessita d'esse terceiro instru-

mento, e os que ainda ha pouco se riam sinceramente d'esta nova pretensão do jesuitismo, hoje sentem bater-lhes no coração o presagio d'uma catastrophe eminente.

Os versos que vão lêr-se são um brado de profunda indignação contra similhante attentado.

Antes d'envial-os para a imprensa o auctor communicou a alguns amigos seus o intento em que estava de dedical-os ao snr. Alexandre Herculano. Foi-lhe observado que o não devia fazer, porque o illustre e venerando escriptor se havia voluntariamente arredado da arena litteraria, e de cultor esmeradissimo da poesia, do romance, e da historia passára a não menos esmerado cultor de vastos dominios agricolas.

Susteve-se na intenção o auctor, para meditar um instante sobre as observações e o conselho. Cerrou os olhos, e como que se lhe afigurou estar vendo a distancia de seculos o vulto quasi legendario do auctor do «Monge de Cistér.» Quiz unicamente pensar no homem, no cidadão, no *lavrador*, e tantos esforços fazia para isso quantos se lhe tornavam auxilio para sómente meditar no poeta, no philosopho, no historiador brilhante e lau-

reado. Então, e por um d'estes espontaneos impulsos do coração, que são irresistiveis, o auctor volveu á sua primitiva ideia, sentindo não poder pagar feudo de veneração e respeito áquelle grande escriptor, que desde a infancia se habituara a considerar como mestre.

Às pessoas a quem desagradar a pertinacia, lembra o auctor que muito bem se podem harmonisar aquelles despresados conselhos com a victoriosa dedicatória.

Sejam, para essas pessoas, apenas offerecidos ao *agricultor* os versos que destinavamos ao *homem de letras*. Merece-os tambem o distincto exilado de Val de Lobos, esse nobre e independentissimo character, que nunca pôde consentir decerto que dos seus famosos lugares se extraviasse uma só gota, uma gota unica do santo oleo da oliveira, para queimar-se em lampada de nicho.

Guilherme Braga.

OS FALSOS APOSTOLOS

I

Lobos? Lobos... não sei... mas Deus proteja a escola
Se a espreitam, lá da sombra, os filhos de Loyola,
Que mais que tigres são.
A vibora espia: dorme, a fingir-se morta;
Que seja o Deus da luz quem feche aquella porta
Ao Deus da escuridão!

Quem lucha quer vencer, e ha muito, ao pé do abysmo,
Tu luctas sem cessar, velho Ultramontanismo,
Fanatico, impostôr!
Mas Deus sabe quem és... mas, d'esse abysmo á borda,
Quebra, apaga-te Deus, carrasco, a tua corda;
Teu facho, inquisidor!

Vae! Debalde o milhafre, ancioso, a pomba fita;
As almas d'amanhã prescindem do jesuita,
Basta-lhes bem Jesus!

Que tinhas que fazer lá dentro d'essas aulas?
Mudal-as nos covis, nos carcerees, nas jaulas
Dos tigres d'amanhã?
Soprar da infancia ao peito instinctos d'uma fêra?
Collar da infancia a bôca ás têtas da panthera?
Do anjo extrair Satan?

Onde a aurora irradia, onde a instrucção derrama
—Lampada quasi sol—a inextinguivel chamma
Do amor, da paz, do bem,
Havia de se erguer o teu archote escuro?
Havia de elevar-se ao throno do futuro
O espectro de Rodin?

Quem te protege, a ti? Quem tenta dar-te a escola?
Quem lança ao teu regaço, a titulo d'esmola,
O preço da abjecção?
Quem paga o teu rancor? Quem segue o teu conselho?
Quem anda a vêr se muda as flammas do Evangelho
Na luz da Inquisição?

Beatas? Bem o sei. Mas quando, em loucas festas,
Alguem t'as apontar, nas walsas deshonestas

Mostrando os seios nus,

Sê o apostolo então! Ergue-te, missionario!

Vae, vae levar á orgia a noite do Calvario,

Vae mostrar-lhes a cruz!

Vae, quando algum dos teus, devoto, humilde, implora
Á vã justiça humana um roubo, uma penhora

Contra a triste viuvez,

Vae, vae dizer-lhe então o que ensina a piedade:

Vae dos pés d'esse monstro arrancar a orphandade

Que se lhe abraça aos pés!

Não sejas só tribuno em frente aos novos cafres.—

Vae, segue, espia, assombra a chusma de milhafres

Que vôa na amplidão,

E que, d'istante a instante, a virtude nos sóme,

—Nuvem negra do vicio—onde agonisa a fome

Levando a perdição.—

Qual bandeira hasteaste, e qual inda fluctua,

Rota, empastada e vil, sobre a cabeça tua

Eu sei, velho impostor!

Eu sei que esse pendão, peor que o dos negreiros,

Ao sangrento avental dos feros carnicheiros

Espanta e causa horror!

Sei que partido é teu e teu d'ha longos annos;
 Que os verdugos, que são catholicos-romanos,
 Te seguem em tropel;
 E como do passado a noite se renova
 Sabei-lo vós tambem, forcas da Praça Nova,
 Forcas de D. Miguel!

Querias tua a escola, o novo templo augusto?
 Querias, como vês florido o santo arbusto,
 Queimal-o ao teu simoum?
 Deus tinha de sair para que tu entrasses,
 Que Deus não póde ver da infancia as róseas faces
 Magras... pelo jejum!

Que Deus ao louro bando abre os jardins sem medo,
 Deixa-o ir, rir, folgar, cantar pelo arvoredado,
 —Esplendido lyceu—;
 E aos anjos d'este abysmo, orphãos da sua gloria,
 Não mostra os furos vis da negra palmatoria,
 Mostra os astros do céu.

Querias tua a escola?—A escola em quanto ensina
 Despreza as tuas leis, rasga a tua doutrina,
 Quer-te longe de si,
 Que ella, immenso fulgor que espanta a noite escura,
 Prefere ao grito o canto, e ao mestre que tortura,
 O mestre que sorri.

A eschola é-te contraria: affirma o que tu negas;
 Quer luz nas multidões, não quer as turbas cegas,
 Submissas como a rez.

Nunca a esponja embebeu no fel e no vinagre...
 Nunca accendeu, resando, as tochas do Milagre
 No altar da Estupidez!

Condemnas Galileo! Quem é que assim nos move
 A soltar-te na face o grito:—*E pur si muove*—
 Que te faz recuar,

Emquanto a tua mão, na sombra, inda procura
 Um supplicio, a fogueira... o pôtro... uma tortura,
 Que o possa suffocar?

Tudo o teu genio odeia: artes; philosophia;
 Tudo o que surge, e canta, e passa, á luz do dia;
 Glorias, triumphos mil;
 Canções cheias d'aurora; um Deus que em nós s'expande!
 Tudo o que é bello e bom! tudo o que é nobre e grande!
 Só présas o que é vil.

Bem vês que ninguem vê, na lucida carreira,
 Como tu sem cessar minas o chão, toupeira,
 Occulta sob o pó!

Bem vês, serpente a quem Deus já privou do salto,
 Que do futuro o sol vae cada vez mais alto!

Bem vês que inspiras dó!

O estudo á mocidade immensa estrada aplaina.
Ergue o sopro da aurora as bandas da sotaina

E o povo o monstro vê....

Foge, Ultramontanismo, espectro sanguinario!

Missionario do mal! das trevas missionario!...

Carrasco do A B C!

II

Vamos, padres, dizei :

Que intento vos trazia ?

Que ideia anda ligada á eschola—sacristia ?

Que Deus, que Deus pagão, barbaro, semi-nú,

Selvagem mais que vós, selvagens do Perú,

Vinheis, no immenso altar, que a luz tornou bemquisto,

Sentar como um sultão, pondo lá fóra o Christo ?

Da taça, que empunhaes, trasborda a essencia amor ?

Póde colar-lhe a infancia os labios inda em flôr,

Ou vae queimar-lh'os já, no horror que vos inlucta,

Da Athenas, que hoje é Roma, o gêlo da cicuta ?

Quem banha o coração da vida no arrebol,

Quer folgedos e amor; quer liberdade e sol !

Vêde o enxame infantil !—Esp'rança, és tu que doiras

Tantas faces gentis, tantas cabeças loiras !

Quem hade desprender, como um tufão do sul,

Da igreja os vendavaes sobre esse lago azul ?

Quem, no azul d'esses céus, que inunda aurora estranha,
Hade-aos astros prender as teias d'uma aranha?
Em vez do alegre estudo, ameno e festival,
Trevas, silencio, horror;—galé sacerdotal
Que torna os cherubins soturnos, espantados,
Cheios d'estupidez, tristes como os forçados!
Em vez d'abril, dezembro; o espinho em vez da flor.
Em vez do mestre irmão, verdugo o preceptor...
Na historia um risco negro; um traço na poesia;
Atirada ao saguão, morta, a philosophia!
Despreso eterno ao Dante: a Newton... o signal
Que, por ser feito em cruz, põe medo ao Deus do mal:
Tudo o que possa encher de sombras infinitas
Teu bello olhar azul, criança, que meditas...
Nada que possa erguel-o aos páramos da luz!

Qual d'elles te mostrou, na sombra, o teu Jesus,
Que o não trouxesse morto, a loura fronte exangue,
Chagado o peito nú, as mãos e os pés em sangue?
Qual d'elles t'o apontou, prégando a sedição,
No lago e na montanha, ás tribus do Jordão?
Pallido scismador, que ao longe devaneia,
Sósinho, ao pôr do sol, nos montes da Judeia;
Philosopho, que vê nos cimos do ideal
Seu vulto destacar, sublime, esculptural,
—Fito na immensa esphera o olhar cheio d'assombros—
Cabellos em anneis dispersos pelos hombros,
E uma auréola á volta, um mystico luar,
Um como que esplendor vago e crepuscular?

Qual d'elles t'o indicou, das luctas na vertigem,
 Das grandes revol'ções mais que soldado, origem,
 Mesmo entre a escuridão sinistra que se fez
 Para empanar-te a luz, sol de 93?
 Quem sóbe ao cadafalso abraça-lhe a doutrina!
 Descubrem-lhe o perfil por traz da guilhotina
 O eloquente Vergniaud, a intrepida Roland...
 Quem te roubou da morte á noite escura e vã
 Camillo Desmoulins? Quem te inspirou teus hymnos,
 Soberba legião dos bravos girondinos?
 Esplendida lição! sublime exemplo seu!
 Morrestes a cantar; elle a sorrir morreu!
 De Carlota Corday na face desmaiada,
 Sem que a revoque á vida, estála a bofetada,
 Mas quando o vil carrasco ás turbas a mostrou,
 Do Christo o doce olhar foi que lh'a illuminou!...
 Pôde acaso atirar-se a Deus tamanho ultrage?
 Dizer-se ao pobre: *Lucta!* — ao misero: *Reage!*
 Ao servo: *Es como o rei!* *Trago-te a redempção!*
 E ao rei: *Es como o escravo!* *o escravo é teu irmão!*

Dizer-se isto e, depois... bradar: «Quem vos disse isto
 Foi esse aventureiro a quem chamaes o Christo!»

Padres, tendes razão; vós não sabeis quem é
 Tal demagôgo audaz. Nem tu, auto-da-fé;
 Nem tu, pôtro; nem vós, lagrimas implacaveis,
 Do tecto das prisões cahindo inexoraveis!

III

Vedetas de Caiphás constantemente áleria,
Guardando noite e dia a campa de Jesus,
Trahiu-vos o jazigo; a campa está deserta!
Dos anjos para nós a pleiade o conduz.

Ei-lo; entre nós é já! Saudamo-lo; sorri-nos!
Onde crianças vê, para as crianças vae.
D'ellas, d'elle em redor tudo se expande em hymnos;
Em pleno rosto as beija; affaga-as como um pae.

Depois, cravando em vós seu longo olhar sereno,
Brada-vos: «Recuae! Fugi! Deixae-nos sós.
Sabeis que brande o açoute a mão do Nazareno...
Sois todos contra mim: mas Deus é contra vós!

Que vindes procurar? Quereis que a infancia emigre?
Que as mães fujam com medo ao vêr-vos assomar?
Lá, nas soidões da Hyrcánea, entre o chacal e o tigre,
Se leva um filho ao collo, a mãe póde passar.

— Negra matilha audaz, següindo as nossas pistas,
Debalde vos cançaes! Deslumbra-vos a luz!
Eu, que o Lazaro amei, eu fujo aos lazaristas...
Eu, Jesus, eu detesto os padres de Jesus!

E vós, que me fitaes, de lagrimas radiante,
Inda um medroso olhar, crianças, descançae.
Ninguem vos roubará, meus filhos, d'ora-ávant
À meiga protecção d'este amoroso pae!

A escola que eu vos dou não tem por mestre o vicio,
Por guarda a hypocrisia, a infamia por lição.
Da escola que eu vos dou no immenso frontispicio
Hade gravar-se um dia: — O estudo é redempção!

O estudo é luz e amor! Salva, illumina, eleva!
Redime os corações, guiando-os para o bem!
Ao novo templo entrae: fugi, fugi da treva,
Anjo, que hasde ser pae! virgem, que hasde ser mãe!»

IV

É no teu craneo, ó povo,
No teu craneo sem luz, que elles derramam
Das vãs superstições a flamma inutil;
Leve scentelha emquanto o espaço é calmo:
Depois, quando os tufões varrem o espaço,
Depois terrivel, pavoroso incendio,
Como o que a espaços alumia a historia!

É sobre as rudes massas
Que elles desfecham da ignorancia o peso.
Teu nobre coração julga-os sinceros,
Estima-os... bons; por crente, s'infileira
Na ignóbil mascarada!
Se obsceno prégador, fauno devasso,

Sobe ao pulpito, audaz como um bandido,
E, lubrico, fareja,
Na quasi escuridão dos templos santos,
As lubricas beatas,
Tu, que illudido as predicas lh'applaudes,
Tu, generoso, o escoltas!
Nunca ninguem te disse: «A ignara besta
Quer do teu rude braço o forte auxilio
Para mais livre se espojar na infamia!»

N'aldeia, aquella voz rouba-te aos campos:
Na cidade, á officina. As mães, a esposa,
Deixam seu lar vasio e a igreja atulham.
Quando acaba a *missão*, começa a fome.

Do seu confessionario,
Negra, a sombra sobre ellas se projecta,
— Sinistra testemunha!
Onde a alegria d'hontem? Que tristeza
Sobre as pallidas filhas, que beijavas,
Se estende como um véu, como um sudario?
Quem d'entre as louras, mürmuras ceáras,
Roubou sem medo os canticos da ceifa?
Quem do trabalho a voz, que incita o braço,
Fez calar na soidão das officinas?
Que mudo rancho ás machinas dá força,
Já sem cantar, como fazia outr'ora?
É que a peste passou, lethal, maldita,
No bairro popular, seguindo os padres:

Mas inda não é tudo. Elles bem sabem
 Como tu te desvairas,
Quanto és feroz, como desejas sangue,
Quando te arrasta o fanatismo ás luctas!

Por isso os vejo agora, humildes, baixos,
Cruzando as multidões como uns phantasmas;
Andam a vêr se te fascinam, povo!
 Querem, na sua eschola,
Querem teus filhos, que o futuro espera!
 Ignobeis estatuarios,
Da argilla, que o Senhor transforma em genios,
Que a instrucção faz heroes, querem, nas sombras,
Esculpturar sem pejo uns vis tãrtufos!



Nunca viste, na estrada, ao vir da noite,
Uns vultos negros, no clarão das forjas,
Andar, lidar, nas rubras officinas?

Tal eu, quando ao passado me debruço,
Julgo vêr, nos clarões d'atroz fogueira,
 Passar, sinistro, o monge:—
Sabes d'onde elle vem? Vem d'esses antros

Que, torvo, o archote a espaços alumia!
 Do capuz sobre a face estende a sombra;
 Cruza no magro peito as largas mangas;
 Vem curvo e a passos lentos...
 Mas não, não creias tu n'essa humildade.
 Se lhe estendes a mão lança-te ao collo
 Do escravo as gargalheiras;
 Se aos pés do monge a altiva fronte vergas
 Nunca mais a levantas!
 Cada sorriso que lhe franze os labios
 É sentença de morte; os assassinos
 Fogem, medrosos, tateando as trevas;
 Estes não, que da victima ao sarcóphago,
 Compungidos, o incenso em nuvens lançam,
 E em rouca voz ao morto garganteam:
 «*Requiescat in pace!*»



Livre, a imprensa incómoda estes bandidos
 Como ao ladrão nocturno a sentinella...
 Causa-lhes medo a imprensa.
 D'ella a robusta mão grava em seus muros
 O—*Mane, Thezel, Phares!*
 Não querem leis que não gotejem sangue
 Como os braços da força!
 Da intelligencia a luz cega estes mochos;

Cada milagre d'ella é como affronta
Que não perdoam nunca!
Da igreja a maldição rói como um verme
Os ossos de Voltaire!
Bem haja a Inquisição que pôz em cinzas
De João Huss o volcanico talento;
De Bruno e Galileo punindo a audacia
Fez ella o que devia...
Renan! Renan! que já não haja um pôtro
Que discuta contigo!

Vós todos, os que andaveis n'outras eras
Mostrando ao povo a immensa luz dos astros,
Tu, que do mar nas solidões frementes
Primeiro as ondas submetteste ao fogo,
Tu, que primeiro ao vasto azul do espaço,
Como as aguias, subiste,
Ah! que não possa, como a hyena, a igreja
Desenterrar-vos, mortos!

V

Não, das praças o rei, magnanimo, sereno,
Não sabe, enquanto alguém lhe lança em torno a rêde,
Que lhe inunda um reptil as agoas de veneno,
Lá onde os filhos seus leva a matar a sêde.

Não, soberbo leão, que vês nos teus caminhos
A morbida serpente a rastejar no escuro;
Tu não sabes que p'rito ameaça os leõesinhos,
Os soberbos leões dos antros do futuro!

Mas se eu t'a mostro assim, nas agoas encoberta,
Levanta-te qual és, tremendo, formidavel!
Basta um rugido só da tua fauce aberta:
Verás como se espanta e foge a miseravel!

VI

Atraz d'estes sandeus que nuvem se condensa
De pavidas visões, soturnas, mysteriosas?
D'astros que accende o mal por entre a noite immensa?
De lugubres perfis? de faces tenebrosas?

Leão decimo — o abutre; o lobo Torquemada;
Philipe, o escuro rei do escuro auto-da-fé!
Sobre a Hespanha, a seus pés jazendo ensanguentada,
Narvaes... como o jaguar; como o tigre... Claret!

Os Borgias—grupo infame, horror que a historia enlucta,
Que nem de Deus, no inferno, ás maldições escapa!
Grupo d'onde sahiu Lucrecia — a prostituta —
Alexandre — o assassino; — a meretriz e o papa!

Tudo, tudo o que foi na terra despotismo,
Crueldade, rancor, vicio, devassidão;
Tudo, tudo o que sahe do pavoroso abysmo
Onde jaz a realleza e dorme a Inquisição,

Tudo atraz d'elles vem...

Mas diz-nos o futuro

Que todo esse *esplendor*, que inda o passado opprime,
Hade encontrar na eschola um pobre mestre obscuro,
Que lhe dirá sem medo: — «Aqui não entra o crime!»

VII

Não, musa do Progresso! Ó virgem consagrada!
Ó candida vestal do novo altar de Deus!
Não! tu não hasde ser morta e crucificada
Por estes phariseus!

Não! tu resurgirás da noite procellosa,
Ó meiga luz serena! ó flammula christã!
Tal sahe do escuro mar, viva e silenciosa,
A estrella da manhã!

Não! tu deves seguir por entre a humanidade,
Toda bençãos e amor! cheia d'esperança e fé!
Não! tu defrontarás de Roma a tempestade
De pé, sempre de pé!

Do mal, da estupidez provocam-te as ameaças?
Deus quer que luctes, vae, soberbo gladiador!
Flammeje em tuas mãos, sobre essas fronte baças,
A espada do Senhor!

Quando o sol de Bethlem não era inda nascido,
Quando as nuvens pagãs reinavam pelo céu,
Desconhecida mão, no altar desconhecido,
Gravára: «*Ignóto Déo.*»

Assim o pensador, que nunca trouxe estola,
Nem a face escondeu n'um funebre capuz,
Nos atrios do porvir, no bello altar da escola,
Escreve: *Ao Deus da luz!*

Porto, 14 de Junho de 1871.

ERRATA



Na pag. 9, 3.^a linha, onde se lê *pagar feudo*—deve
lêr-se *pagar maior feudo*.